

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

**COMPARTILHANDO SABERES EM UM DIÁLOGO INCLUSIVO**

Juliane Ferreira de Oliveira  
Nº de Matrícula:112790015A  
Polo:Bicas

Juiz de Fora  
2019

JULIENE FERREIRA DE OLIVEIRA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

COMPARTILHANDO SABERES EM UM DIÁLOGO INCLUSIVO

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora Dr<sup>a</sup> Márcia Marin Vianna

Co-orientador Ms Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins

Juiz de Fora  
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira de Oliveira, Juliene.

Compartilhando saberes em um diálogo inclusivo / Juliene Ferreira de Oliveira. -- 2019.  
25 f.

Orientador: Márcia Marin Vianna

Coorientador: Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

1. Formação docente. . 2. Práticas pedagógicas. . 3. Trabalho colaborativo. . I. Marin Vianna, Márcia , orient. II. Pigozzo Tanus Cherp Martins, Gabriel , coorient. III. Título.

**JULIENE FERREIRA DE OLIVEIRA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Dr<sup>a</sup>. Márcia Marin Vianna**  
**Universidade Federal de Juiz de Fora/UAB**

---

**Ms. Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins**  
**Universidade Federal de Juiz de Fora/UAB**

---

**Ms. Luciane Aparecida Nobre**  
**Universidade Federal de Juiz de Fora/UAB**

Juiz de Fora  
2019

## AGRADECIMENTOS

Muitos são os agradecimentos ao final dessa caminhada. Agradecimento maior a Deus, que me concedeu força para não desistir diante as dificuldades.

Agradecimento a minha família, meu filho Bernardo e meu esposo Danilo, por compreender a minha ausência, mesmo estando tão perto, por sempre me apoiarem com palavras e gestos de carinho.

Agradecimento aos meus familiares, que sempre me incentivaram a seguir o caminho na busca do conhecimento, que me apoiam na profissão docente e acreditam em minha capacidade.

Agradecimento a equipe de profissionais da Escola que tornaram possível a realização da proposta de formação, com envolvimento e dedicação.

Agradecimento aos colegas de curso, por constituir uma equipe capaz de reavivar as forças motivando a persistir no caminho de meus objetivos.

Agradecimento a todos os professores que, com tanta competência e dedicação, me proporcionaram conhecimento que forma para a vida.

Agradecimento especial à professora Márcia Marin, que com competência e disponibilidade, trouxe sugestões e enriquecimento de saberes.

Agradecimento ao tutor Gabriel, que com sua paciência, competência e disponibilidade, me incentivou a chegar ao fim dessa trajetória.

Agradecimentos a todos que, com gestos, orações, palavras, colaboração e compreensão me proporcionaram concluir mais uma etapa de minha vida.

## **RESUMO**

O presente estudo tem como tema “Compartilhando saberes em um diálogo inclusivo”, cujo objetivo foi promover um momento para pensar a inclusão em uma escola municipal na cidade de Leopoldina - Minas Gerais, por meio de um projeto de intervenção que buscou promover um espaço para o corpo docente discutir, analisar e criar estratégias, visando conceber a educação em uma perspectiva inclusiva. A escolha desse tema surgiu da observação da necessidade de articular os fazeres pedagógicos, a fim de tornar a escola cada vez mais preparada para não só receber os alunos com deficiências, transtornos do espectro do autismo e altas habilidades/superdotação, mas ser capaz de promover a efetiva aprendizagem de cada aluno. Na primeira etapa deste plano de intervenção formativa aplicamos um questionário aos professores e supervisores participantes, a fim de evidenciar suas maiores dificuldades e assim planejar a formação a partir da realidade vivida pela escola. Definido os temas, professores e supervisores participaram de formações elaboradas com base em uma metodologia de partilha e discussão dos casos da realidade escolar trazidos pela equipe. A partir do presente estudo, percebemos que há a possibilidade de oferta de formação continuada de professores, que vise construir uma forma de aprendizado que valorize as experiências do cotidiano da escola para atuarmos sobre a realidade desta. Como resultado dessa intervenção, observou-se que embora a escola tenha buscado promover a inclusão, é necessário oportunizar momentos para que os profissionais envolvidos no processo de aprendizagem dos alunos tenham contato para discutir e viabilizar novas práticas pedagógicas de forma a favorecer o trabalho colaborativo.

Palavras-chave: Formação docente. Práticas pedagógicas. Trabalho colaborativo.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO .....	7
DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO: .....	8
JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA....	9
OBJETIVO GERAL.....	11
OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	11
ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO .....	11
CRONOGRAMA .....	14
RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA .....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
REFERÊNCIAS .....	21
Anexos.....	22

## INTRODUÇÃO

Por meio de observações e reflexões sobre o desafio docente para a inclusão, realizadas por mim, durante minha trajetória como professora do Ensino Fundamental, em uma escola municipal na cidade de Leopoldina - Minas Gerais, a presente proposta traz um olhar para a necessidade de uma maior interação e partilha de saberes entre profissionais que atuam junto a alunos com deficiência, transtornos do espectro autístico e altas habilidades/superdotação, priorizando sempre, o diálogo entre os envolvidos. Em uma análise da experiência vivida na escola, por mim e por colegas professores, percebemos algumas propostas de inclusão desenvolvidas de forma isolada, ou seja, cada docente usa seus critérios pré-estabelecidos sem que haja um parâmetro capaz de englobar todas as turmas. Verificou-se a necessidade de uma formação colaborativa, a ser desenvolvida em encontros nos quais o compartilhamento de ideias será fator essencial para vencer as barreiras construindo uma escola mais inclusiva.

Quando tratamos de educação acompanhada do adjetivo inclusão, surgem discussões, incerteza, insegurança, medo de não saber conduzir o aluno com deficiência em um processo de ensino-aprendizagem efetivo.

Em nosso percurso como educadores, percebemos que os profissionais que atuam junto ao aluno com deficiência encontram dificuldade em propor um trabalho que valorize a diversidade na escola, enfrentando muitos desafios para se cumprir com êxito o processo de aprendizagem e das competências necessárias ao desenvolvimento do aluno. Cabe ao professor estar em constante formação, conhecendo as legislações e políticas públicas que norteiam a profissão docente, dominar os conteúdos de sua disciplina, além de organizar os registros dos processos educacionais, ser ativo, pesquisador, criativo, ser capaz também de aplicar diferentes metodologias, buscando materiais e recursos que provoquem a curiosidade do aluno entre tantas outras tarefas.

A presente pesquisa parte da percepção da carência de uma formação docente que favoreça, de fato, a inclusão para que este professor estando imerso nos ambientes da sala de aula ou sala de recursos, envolva-se de fato com o processo de aprendizagem do aluno. Nestes espaços encontramos profissionais que se desdobram e encontram meios que auxiliam na

aprendizagem do aluno, mas que são individualizadas, pois não vemos a realização de uma culminância coletiva visando que as descobertas e as dificuldades sejam compartilhadas pelo grupo participativo, para construção de novos saberes.

Em meio a tantas prerrogativas de como proporcionar uma inclusão que, de fato, favoreça o aluno público-alvo da educação especial, faz-se necessária a proposta de um trabalho colaborativo com o intuito de oportunizar aos professores da sala de aula comum e da sala de recursos a troca de informações e estarem em contato direto com os conhecimentos produzidos por cada um que servirá de apoio para todos em uma proposta inclusiva.

Diante do exposto, o presente trabalho foi iniciado por meio de questionamentos acerca das percepções cotidianas inerentes ao contexto da escola onde foi desenvolvido. E foi realizado baseado na partilha de saberes e construção de novas perspectivas para a inclusão dos alunos envolvidos nesse processo.

Com base na reflexão originária da proposta, buscou-se aprofundar o tema com concepções de autores como Mantoan (2006), Nóvoa (2009), Freire (1996), reforçando e embasando a proposta de formação aqui apresentada à observação da escola, à análise do Projeto Político Pedagógico e na escuta dos profissionais envolvidos, culminando em momentos de enriquecimento profissional e pessoal.

## **IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO**

Entendemos que para termos um movimento inclusivo no ambiente escolar que favoreça o lado emocional do aluno e proporcione aprendizagens significativas, devemos pensar em como viver as diferenças com ações concretas realizadas no cotidiano escolar. O ato de ensinar é um desafio, que exige sensibilidade e comprometimento e deve provocar inquietude para promover oportunidade para que o outro seja capaz de aprender. No entanto, muitas vezes a tão esperada aprendizagem não se concretiza. Diante do desafio de instigar o desenvolvimento das competências, deparamo-nos com deficiências que nos desafiam a enfrentar nossos medos, suscitando a busca por uma educação que vença a barreira da desigualdade. Partindo do pressuposto que todos têm o direito e a possibilidade de aprender, nós educadores, devemos tecer caminhos para o desenvolvimento do aluno.

Existem ações que visam possibilitar a aprendizagem de estudantes público-alvo da educação especial, como por exemplo o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que acontece nas salas de recursos multifuncional (SRM), as políticas públicas atuais que apresentam a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 1996 e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) 2015 voltadas para a oferta da educação inclusiva. As referidas leis auxiliam na promoção da inclusão, no entanto a falta de um trabalho colaborativo entre professores de sala de aula comum e professor de AEE compromete o processo de inclusão, já que não há continuidade nos objetivos trabalhados por um e por outro professor na escola onde se realizou a observação. Pertinentemente, essa falha aparece como uma das prováveis causas do não desenvolvimento do aluno acolhido pelas ações citadas acima. A indagação que fica é, como promover a inclusão e garantir direitos iguais se não caminhamos juntos?

#### **DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO:**

Ao observar as dificuldades vivenciadas por muitos professores em sala de aula, percebemos que há a falta de capacitação dos profissionais e apoio psicológico para trabalhar com alunos que se configuram como público-alvo da educação especial. Consideramos que isoladamente o trabalho não atende de forma efetiva este alunado. Pensando em um processo de inclusão educacional e de qualidade, é necessária a compreensão de que a responsabilidade não pode ser concentrada somente no professor de AEE, tão pouco somente no professor da sala de aula comum do ensino regular. A educação deste aluno é responsabilidade de toda a escola.

O professor é peça fundamental no processo de aprendizagem do aluno e pensar em uma formação centrada na confiança da capacidade desse profissional, é pensar no aluno que precisa de um agente que seja preparado para transmitir conhecimento de forma empírica e científica, emoções e estímulos que sejam capazes de promover uma escola livre das barreiras da exaltação das dificuldades e deficiências. Mantoan (2003) traz uma visão de formação pensada no desenvolvimento intelectual, social e emocional.

Como se considera o professor uma referência para o aluno, e não apenas um mero instrutor, a formação enfatiza a importância de seu papel, tanto na construção do conhecimento, como na formação de atitudes e valores do cidadão. Assim sendo, a formação vai além dos aspectos instrumentais de ensino (2003, p. 44).

Ao analisar o processo de inclusão educacional na perspectiva cooperativa, buscando uma formação integral, torna-se consciente a interação dos profissionais envolvidos no âmbito escolar, para observação e reflexão do trabalho realizado na escola municipal, situada na cidade de Leopoldina-MG, atendendo às modalidades de Ensino do 2º período da Educação Infantil ao 5º ano do ciclo intermediário do Ensino Fundamental. Embora esteja localizada no centro da cidade, a escola, atende a alunos de todos os bairros, sendo em grande parte um público com condição socioeconômica baixa, fazendo-se notória a necessidade de promover uma comunicação eficaz para inclusão.

A referida escola conta com um número de 638 alunos, atendidos em 2 turnos, possui um quadro de 54 profissionais, divididos em dez auxiliares de serviços gerais, duas secretárias, 31 professores de sala de aula comum e das disciplinas de Literatura e Educação Física, uma diretora e uma vice-diretora, duas supervisoras, duas professoras de sala de AEE e cinco mediadores. Atualmente a escola atende oito alunos que apresentam alguma deficiência e participam do AEE no contra turno. Cinco desses alunos possuem um mediador em sala de aula comum.

Ao observar a vivência da escola e analisar o seu Projeto Político Pedagógico – PPP nota-se, em um primeiro momento, um esforço quanto à inclusão dos alunos. No entanto, é percebido um distanciamento do que consta neste documento em relação às práticas realizadas dentro do espaço escolar.

Dentro da perspectiva de um trabalho de favorecimento das interações profissionais tendo como foco a relação de professor de sala de aula comum e o professor responsável pelo trabalho do AEE, foi pensada a proposta de uma intervenção que levasse à promoção de um amplo diálogo entre os professores, por meio de observações, interações, entrevista com os docentes e gestores, análise de documentos, resultando em qualificação profissional e conseqüentemente à melhoria na qualidade do ensino, tornando a escola um verdadeiro espaço de inclusão.

## **JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA**

O crescente número de matrículas de crianças com deficiência no ensino regular impacta diretamente na organização escolar. A maior parte dos profissionais envolvidos na

educação relatam ter pouco embasamento para desenvolver práticas que possam ser, de fato, inclusivas. Nesse contexto, faz-se necessário que haja mais do que capacitação mas também superação de uma visão de isolamento e solidificação do trabalho do professor com o aluno em sala de aula.

A busca constante por conhecimento é essencial na carreira do professor principalmente para aquele que anseia um trabalho mais efetivo em relação a inclusão. No entanto, a premissa de um trabalho de sucesso permeia a cooperação. Nesse sentido, faz-se necessário proporcionar momentos democráticos e ativos na formação de professores, alimentando as relações de interação dos professores do AEE com os professores da sala de aula comum.

Mesmo que o professor se depare com as dificuldades e por vezes se sinta solitário ou incapaz diante de um desafio, a persistência, a curiosidade e a resiliência devem permear seu propósito de fazer educação. Nesse contexto citamos a máxima de Paulo Freire “sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (Freire 1996, p. 85). Por conseguinte, a busca por saberes também deve resultar da partilha de conhecimento, ocasionando assim melhor resultado do trabalho já que esse será coletivo.

Os momentos de troca e estudos são essenciais nos ambientes escolares, devendo ser permeados por conteúdos que diminuam a insegurança causada pela falta de embasamento teórico e de referências de práticas de educação inclusiva. Portanto, nossa proposta de trabalho fundamenta-se na promoção de espaços para o diálogo entre os professores, gestores e demais profissionais que atendem aos alunos em uma proposta inclusiva.

A opção por uma formação se dá na importância de ressignificar o papel da escola e do professor para a inclusão. Temos em Mantoan (2003, p. 43) “Ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas.”, partindo dessa concepção embasamos a necessidade de uma formação continuada que provoque nos participantes a mudança capaz de transformar a escola no espaço que considere as especificidades de seu alunado e que seja capaz de proporcionar a aprendizagem almejada.

## **OBJETIVO GERAL**

Proporcionar espaço de reflexão sobre a educação inclusiva na atualidade, buscando mudanças significativas na forma de abordagem de aquisição de conhecimento, estreitando a relação entre o professor do atendimento educacional especializado e os professores de sala de aula comum.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Promover o diálogo entre o atendimento educacional especializado e a sala de aula comum para formulação de estratégias comuns.

Buscar por meio de estratégias de ações relevantes considerar as necessidades individuais de cada criança para que haja enfoque nos planos e metas.

Ampliar o atendimento ao alunado promovendo seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional para uma aprendizagem significativa.

## **ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO**

Quando tratamos de educação inclusiva, é comum citarmos avanços nas legislações, recursos e estratégias que auxiliam o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Focamos muitas vezes em estratégias de ensino, esquecendo-nos de que a partilha desses saberes construídos entre as paredes da sala de aula são ferramentas para promover não só uma educação de qualidade pensada no aprendizado do aluno, mas também proporcionar aos profissionais da educação o entendimento que não estão sós na árdua e gratificante tarefa de fazer educação.

É necessária uma intervenção com os profissionais da educação tendo em vista uma educação em transformação, acompanhando uma sociedade acelerada e mutável. Pensando nessa necessidade voltada a inclusão de pessoas com deficiência, observando o trabalho da sala de AEE e a necessidade de articular os ambientes sala de aula e sala de recurso, a proposta defendida é um momento não apenas dessa formação embasada somente em leis e conteúdos teóricos, imposta por uma proposta governamental, mas trazer para o ambiente escolar momentos de discussão em grupo, com partilha de vivência, oportunidade

de escuta, aprendizado, ajuda e reflexão, produzindo conhecimento a partir da realidade vivida no cotidiano da escola.

Quando as escolas disponibilizam espaços de interação dos professores percebe-se que estes se sentem mais seguros, mais estimulados, pois a interação é uma necessidade do humano em qualquer esfera social, com qualquer nível de conhecimento.

Ao falarmos em inclusão e educação para a diversidade, pressupomos a preparação do professor no contexto que estejam envolvidos não só o aspecto teórico, mas também a valorização profissional seja ele de sala de aula comum ou atendimento especializado, e isto deve ser permeado por meio do apoio de profissionais envolvidos com o sistema educacional.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa em forma de questionário para os professores e supervisores que visava levantar temas de interesse para os encontros. Com os assuntos essenciais a serem abordados, as reuniões foram planejadas com base em rodas de discussões reflexivas, trazendo o compartilhamento de questões trazidas pelos professores, como relatos das condições de aprendizagens dos alunos, situações da sala de aula e discussão de estratégias promovendo o enfrentamento dos desafios, refletindo criticamente sobre a prática abordada pelos profissionais com toda a equipe escolar, buscando promover o diálogo entre teoria e prática, bem como a relação colaborativa entre os profissionais envolvidos.

Os temas de estudo visaram cooperar com a demanda atendida pela escola. Após legitimar os temas para estudos, passamos aos momentos semanais, que se constituíram em cinco encontros, no horário das reuniões de planejamento já previstas no calendário da escola. Embora as reuniões sejam obrigatórias, temos dois horários distintos devido ao funcionamento de dois turnos. Docentes que participam de outro turno receberam o convite para participação nos encontros, no entanto, não puderam adaptar o horário. As reuniões serviram como reflexão em busca de uma proposta de trabalho colaborativo entre a equipe, auxiliando na formação continuada dos educadores de forma a priorizar situações vividas no contexto da escola em questão.

A realização das reuniões foi de suma importância, pois além de ser um momento de estudos e reflexões sobre a temática da educação inclusiva, demonstrou grandes possibilidades de contribuir com a formação dos professores emocionalmente e conseqüentemente com a inclusão. Os encontros buscaram ser um espaço que refletisse a

importância de se garantir a inclusão de todos os estudantes, além de ser uma ferramenta significativa capaz de contribuir com a eliminação de barreiras ainda tão presentes no âmbito escolar.

Ao propormos os encontros, abrimos a escola para uma discussão da educação inclusiva, visando qualidade na educação, considerando as diferenças e valorizando a diversidade. Ao refletir sobre a educação inclusiva, apontamos Mantoan (2006, p. 19) que destaca “uma escola inclusiva propõe um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades.”

Nesse contexto, buscando novas ações de intervenção pensadas no processo de aprendizagem, os encontros elucidaram o que antes parecia mera intuição. Sobre essa nova perspectiva podemos citar a Declaração de Salamanca (1994, p. 27) “a preparação de todo o pessoal que constitui a educação, como fator chave para a promoção e progresso das escolas inclusivas”.

Conclui-se a partir das observações voltadas para as necessidades dos profissionais de educação, dos alunos atendidos que a inclusão deve ser abordada sob vários critérios a fim de que o objetivo seja a real inclusão, com o foco na experiência colaborativa com todos os profissionais envolvidos com o sistema educacional, recordamos Jorge Larrosa Bondía, (2002) no texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, que fazendo uma reflexão na perspectiva de experiência/sentido, mostra como é necessário que sintamos, deixemos nos arrebatar diante a experiência para que essa seja repleta de sentido. Segundo Larrosa:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (2002, p.21).

Partindo dessa declaração pudemos constituir os encontros propostos na formação como uma experiência que trouxesse à tona a discussão a respeito da inclusão e nosso papel para que ela aconteça na escola.

## **CRONOGRAMA**

<b>AÇÕES</b>	<b>JANEIRO</b>	<b>FEVEREIRO</b>	<b>MARÇO</b>	<b>ABRIL</b>	<b>MAIO</b>
Organização do projeto de intervenção.	<b>X</b>				
Planejamento da entrada em campo e especificação das ações de intervenção.		<b>X</b>			
Solicitação de autorização para realização da intervenção.		<b>X</b>			
Aplicação do questionário aos professores e supervisores da escola.		<b>X</b>			
Desenvolvimento do projeto de intervenção.			<b>X</b>	<b>X</b>	
Registros e relatos das ações interventivas.				<b>X</b>	<b>X</b>
Relatório final do trabalho para apresentação.					<b>X</b>

## **RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Na perspectiva de uma formação fundamentada no diálogo e a importância de uma leitura da realidade chegamos a modificar nossa prática educativa em favor da inclusão. Nessa reflexão do cotidiano vivido na escola, desconstruímos e reconstruímos novas metodologias pensadas na ação conjunta por uma escola mais inclusiva. Freire nos alerta para

a importância dessa ação reflexão que deve nortear a formação docente, “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 1996, p. 39).

Diante da dinâmica ação reflexão, que envolve o fazer pedagógico e favorece a aprendizagem, iniciamos com questionário investigativo sobre o trabalho realizado na busca pela inclusão.

Inicialmente, a intervenção pensada para toda a escola não foi possível devido aos momentos de encontro dos turnos, pois alguns professores não tinham flexibilidade de horário e outros ainda não demonstraram interesse em participar, alegando não atender alunos com deficiência em sua turma.

Na análise dos questionários, ressaltando que foram aplicados aos 28 professores, no entanto somente 13 devolveram e participaram ativamente dos encontros, ficou evidente o esforço relatado pelos professores em relação ao seu fazer pedagógico. Entre as dificuldades relatadas por todos, foram citadas: o trabalho isolado, a falta de apoio familiar e de interação com os profissionais que atendem ao alunado e, ainda, a deficiência de eficácia das metodologias.

A proposta de formação foi realizada em cinco momentos, buscando relacionar as intenções de uma base inclusiva com a proposta da escola, encontrada em seu PPP, no qual professor, aluno, conhecimento e o contexto da realidade são elementos essenciais ao processo formativo. Essa leitura da realidade foi o ponto de partida para os encontros.

As reuniões aconteceram às quartas-feiras com duração de duas horas cada, envolvendo 13 professores do turno da tarde e a supervisora, profissionais que atendem turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental e uma turma de 2º período da Educação Infantil e a docente responsável pelo AEE. A formação foi dirigida com o apoio e planejamento conjunto da supervisora da escola, que se mostrou aberta às propostas trazidas, envolvendo se e pesquisando materiais para os encontros.

Dentre os tantos assuntos que poderiam ser abordados, escolhemos para fim da proposta de intervenção três temas que foram elencados: Dificuldades de aprendizagem (DA) e Transtornos do Espectro do Autismo (TEA); O atendimento na sala de recurso e Análise e construção do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI).

Todos esses temas foram abordados por meio de debates, leitura, trocas coletivas em rodas de conversa. Dessas discussões, foi possível inferir os desafios constantes dos professores, citados por eles, tais como a falta de tempo para os encontros de formação com toda a equipe da escola, referindo aos profissionais que não puderam participar dos encontros no horário, e ainda a dificuldade em promover a autoformação.

A partir dos desafios citados, podemos perceber a importância de uma formação contínua, que se constituirá com base nos estudos da realidade. Nóvoa (2009) enfatiza que os projetos de formação continuada devem pautar em estudos de casos concretos, dedicando atenção especial às questões relacionadas à capacidade de interação e valorização do trabalho colaborativo.

Foi pensando em uma proposta colaborativa que iniciamos os encontros.

No primeiro encontro ocorrido no dia 27 de março, tivemos início com a leitura do livro literário “Um nó na cabeça”, de Rosa Amanda Strausz<sup>1</sup> que trata da incompreensão das diferenças e a capacidade de cada indivíduo. O livro abriu a reflexão sobre a prática com indagações de como estamos enxergando os alunos, se os compreendemos e buscamos novos modos de auxiliar sua aprendizagem. Foi um momento de sensibilização para a inclusão.

Essa reflexão da prática é essencial no processo de formação. Se esses questionamentos forem constantes não corremos o risco de negar ao aluno a oportunidade de aprendizagem.

O livro apresentado foi levado à sala de aula, por algumas professoras, a fim de trabalhar com os alunos a perspectiva de um olhar voltado ao respeito às diferenças. Cumprindo a intenção de uma proposta colaborativa não só na aquisição de novos saberes, principalmente, enquanto discutimos a inclusão, apresentamos a ideia de incluir, levando a discussão das diferenças aos alunos na proposta do livro.

Ainda no primeiro encontro, iniciamos o tema das dificuldades de aprendizagem e transtornos globais do desenvolvimento que duraram dois encontros. Nesse 1º encontro houve momentos de leitura de material sobre DA e TEA. Para o 2º momento tivemos a pesquisa para elaboração de formas de diagnosticar e intervir nas situações de DA e TEA. A dinâmica de análise conjunta trouxe um novo olhar sobre as estratégias de ensino que podem ser

---

<sup>1</sup> Strausz, Rosa Amanda. Um nó na cabeça/Rosa Amanda Strausz; ilustrações Laurent Cardon.-1.ed.-São Paulo: FTD, 2011.

elaboradas, unindo a teoria, leitura e a reflexão crítica para a ação. Dessa forma, concluímos que:

Não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e para comunicar o novo (Freire, 2009, p.29).

Assim, a formação seguiu proporcionando o desenvolvimento de novas estratégias a partir de uma reflexão teórico prática.

Nos encontros surgiram questionamentos de como o professor de AEE poderia auxiliar nesse processo, visto que muitas dificuldades não podem ser superadas no tempo de sala de aula comum.

A escola possui atendimento na sala de recursos nos dois turnos de funcionamento, porém a docente que acompanha os alunos das professoras presentes na formação não pôde comparecer, no entanto a professora que também realiza o atendimento na referida sala participou dos encontros e nos contou um pouco do trabalho desenvolvido, além de apresentar os recursos da sala. Vale ressaltar que a sala iniciou o atendimento há um ano e não conta com muitos recursos, sendo a maioria construído pelas professoras do atendimento, com recursos próprios.

Os últimos encontros, quarto e quinto, foram realizados com a análise e construção de PDI dos alunos com deficiência. Alguns dos alunos já possuíam o PDI, que foi reestruturado de acordo com o desenvolvimento; outros alunos que iniciaram os estudos na escola esse ano ou os que ainda não possuíam laudo foram construídos nesses encontros com a ajuda de todos os envolvidos. Os PDIs foram encaminhados à professora do atendimento educacional especializado para que pudesse acompanhar, indicar estratégias e criar oportunidades de acordo com as especificidades de cada aluno. Mesmo não sendo possível o contato direto com a docente da sala de recursos, a troca de informação acontece através da supervisão da escola.

Foram cinco encontros, nos quais os docentes foram oportunizados a colocar suas ideias, apresentar suas dificuldades e frustrações, tratar de teoria, recursos materiais e sentimentos que envolvem o fazer pedagógico, como destacou uma das professoras: “Gosto desses momentos quando podemos mais do que falar de teoria ou elaborar documentos podemos falar de sentimentos, sentir que a educação pode ser mais humanizada.”(Professora)

No quinto e último encontro, quando indagadas se após a formação mudamos o jeito de pensar, e questionadas se realmente estamos fazendo inclusão, obtivemos retorno de formas distintas. Algumas relataram:

“Considero que já ocorreram grandes avanços, mas ainda estamos longe de atingir a universalidade inclusiva. Se pensarmos em sociedade de bem poucos séculos, percebemos esses avanços. Incluímos os cidadãos no processo de educação, incluímos os cadeirantes quando oferecemos mobilidade, nesse sentido, conseguimos inclusão. Ao passo que, em minha opinião, quando colocamos uma criança com necessidades especiais em uma escola regular, não estamos incluindo porque ainda não conseguimos oferecer a essas as mesmas oportunidades que outras. Há o que se pensar.” (Professora)

“Muito ainda temos para melhorar nas escolas regulares para que a educação de crianças com deficiências e necessidades especiais aconteça de maneira plena. Precisa-se, em especial, capacitar os profissionais em educação e muni-los de materiais e apoio diversificados.” (Professora)

Ambos os relatos tratam da questão de prover formas diretas para a inclusão, o uso de materiais, a capacitação dos professores, os recursos necessários para fazer mais do que integrar, incluir oferecendo aprendizagem significativa. Ao passo que percebemos em outros relatos um fazer inclusão com olhar inicial para os sentimentos envolvidos no processo:

“Fazemos inclusão quando olhamos com o coração. Com amor, a prática ao se fazer inclusão torna-se natural.” (Professora)

“Enquanto educadores precisamos trabalhar nos incomodando com o que não conseguimos melhorar, precisamos olhar com os olhos da alma.” (Professora)

Diferentes olhares, mas todos com a certeza de que precisamos sim, fazer inclusão, que somos responsáveis por esse processo.

Ao findar os dias disponibilizados para a proposta, fica a certeza do enriquecimento de saberes pensados na inclusão dos educandos de forma a garantir a aprendizagem de todos, e o desejo de continuar a promover esse espaço de forma contínua, fazendo da escola um ambiente transformador de ideias e de aprendizagem e acima de tudo acolhedor.

A trajetória foi curta, no entanto, proveitosa para todos os envolvidos. Promovemos o diálogo, alinhamos ações assertivas para a inclusão, buscando promover uma cultura de colaboração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de formação de professores teve como premissa o constante fazer colaborativo, que veio romper com o esforço isolado de pensar e fazer inclusão. Para tanto, necessário se fez redimensionar as propostas dos encontros de planejamento, visando momentos de reflexão e formação de consciência crítica.

Foi com base nessa perspectiva que os encontros foram delineados. A inclusão foi foco das discussões, refletida, analisada e sistematizada de forma compartilhada, considerando as reais necessidades do alunado. Os professores repensaram juntos o que já foi vivido e o caminho a ser percorrido, com objetivos reais e possíveis.

A Lei Brasileira de Inclusão assegura os direitos fundamentais da pessoa com deficiência, garantindo a inclusão, nos quais encontramos a referência a uma educação que deve ofertar um sistema inclusivo de ensino:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL.2015)

A fim de garantir esse direito, a formação de professores é ponto primordial, pois é o professor quem garantirá dentro escola, essa aprendizagem de forma inclusiva, ficando evidente repensar o aspecto didático-pedagógico que enfatize a participação ativa do aluno nos diferentes momentos e espaços do ambiente escolar.

Para tanto, a reformulação e construção de PDI foram o ponto alto de nossos encontros, nos quais os professores presentes discutiram as especificidades do alunado.

No entanto, pensando na progressão desse aluno, que é responsabilidade de toda a escola, tivemos a não participação e envolvimento de muitos professores que poderão vir a receber esse aluno em sua sala de aula, o que acarreta um sentimento de descontentamento, e preocupação.

Em destaque, contamos com a participação dos professores presentes nos encontros com consciência crítica, defendendo uma educação que considera o envolvimento da escola no processo de inclusão, reconhecendo as interações produzidas ao longo dos encontros como fator essencial a um bom relacionamento e crescimento profissional e pessoal.

Na formação, que teve como ponto de partida experiências reais, ficou evidenciado o interesse de poucos que, no entanto, se mostraram comprometidos com o processo de inclusão na escola, cumprindo seu papel de questionadores, investigadores e colaboradores, pois a cada novo encontro traziam sempre uma nova discussão e mesmo nos corredores sempre comentavam textos e assuntos relacionados à inclusão.

Somos sujeitos construtores de uma educação de qualidade, independente de fatores desmotivadores, citados por alguns professores, como o descontentamento com as políticas públicas e a falta de participação de muitas famílias na vida escolar do aluno. Devemos nos imbuir de novos saberes, tomarmos nossa responsabilidade, priorizando a missão educadora comprometida com a formação de nosso alunado e uma escola inclusiva.

A pergunta que fica ao final dos encontros é: Temos feito inclusão?

E a resposta é que temos repensado constantemente o modelo de escola que temos, os alunos que recebemos. Mesmo que, muitos ainda neguem a mudança, os que aqui ficam, inquietos e ávidos por humanizar a educação, têm estudado, refletido e se conscientizado da responsabilidade de fazer inclusão.

Inclusão que olha e vê as diferenças e as trata com igualdade, acolhe e aprende com os diferentes, como nos alerta Rubem Alves (2005) que possamos aprender a ver. “Há muitas pessoas de visão perfeita que nada vêem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido.”

Vamos continuar aprendendo a ver e, àqueles que ainda não descobriram o poder de ver, continuaremos chamando à ação.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais** - - /Rubem Alves. - - Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96. Brasília: Imprensa Oficial, Diário Oficial, v. 134, n. 248, 1996. a LDBEN 1996

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 6 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**.30.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002.

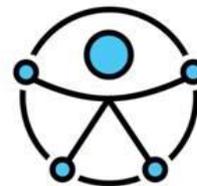
MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (Org.) **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 491 p., 2012.

NÓVOA, A. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009

## Anexos

### Anexo A: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE INTERVENÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED  
CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CEAD

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE INTERVENÇÃO

À Direção Prezado (a) Senhor (a)

Como aluno (a) do curso de especialização em EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES promovido pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF, através do CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CEAD, venho por meio desta, solicitar a autorização para desenvolvimento de meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que consiste em um projeto de intervenção com o objetivo de proporcionar um espaço de reflexão sobre a educação inclusiva através da partilha de práticas educativas que contribuam com o cotidiano dos profissionais atuantes na educação, bem como proporcionar um espaço para inserção no debate sobre a temática da inclusão.

Para o desenvolvimento deste projeto, que será realizado junto aos professores e supervisores serão utilizados procedimentos tais como pesquisa em forma de questionário aos participantes, reuniões de formação e debate inclusivo em horário extracurricular.

Como estudante do referido curso, gostaria de assegurar o caráter acadêmico do presente estudo, assim como a utilização de procedimentos para a proteção da identidade dos sujeitos, a confiabilidade dos dados e a ética no tratamento dos dados quando estes se referirem ao sujeito e a instituição em que este desenvolve o seu trabalho.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos, na certeza de que o resultado de tal estudo possa contribuir para a obtenção de informações que permitam uma melhor compreensão sobre a formação na temática da partilha de saberes em contextos escolares, contribuindo assim, para a construção de práticas mais inclusivas que garantam o direito à educação para todos.

Juiz de Fora, de de 2019.

\_\_\_\_\_  
Nome do aluno (CPF/ telefone de contato)

**Anexo B: Questionário de pesquisa para professores e supervisores da Escola Municipal Botelho Reis-Leopoldina-MG**

**Nome:**

**Função exercida na escola:**

**1-**Fale sobre as dificuldades e satisfações sobre sua função na escola.

**2-**Qual sua percepção acerca de seu desempenho em sua função? Você se considera preparada ou ainda busca por aperfeiçoamento, leitura, formação ou cursos que auxiliem em sua prática?

**3-**Vivemos em tempos de constante mudanças sociais, políticas, culturais e educacionais em que o processo de fazer inclusão se faz a cada dia mais atual e necessário. Você atende aluno com alguma deficiência ou transtorno? Qual?

**4-**Descreva um pouco de seu planejamento de trabalho para o aluno com deficiência ou transtorno?

**5-**Cite algumas ações promovidas pela escola voltadas à promoção da aprendizagem do aluno atendido em uma proposta de inclusão.

**6-**A sala de recursos (AEE) visa auxiliar o desenvolvimento do aluno. Como é o relacionamento do professor de sala de aula comum, com aluno atendido na sala de recursos, e o professor do atendimento especializado?

**7-**Sobre as reuniões pedagógicas ou de formação, comumente, quais são os temas tratados? Quais temas você gostaria que fossem abordados a fim de auxiliar seu trabalho para a promoção de uma escola inclusiva?

**8-**Quanto a busca por efetivar uma educação inclusiva, teria algum aspecto que você consideraria precisar de melhoras na escola? Justifique.

**Anexo C: PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL ANUAL**

**IDENTIFICAÇÃO:**

ESCOLA \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_ série/ano: \_\_\_\_\_

CID: \_\_\_\_\_

**RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO**

---

---

**DESCRIÇÃO DOS CONHECIMENTOS JÁ ADQUIRIDOS PELO ALUNO:**

**Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Ed. Física):**

---

---

**Matemática:** \_\_\_\_\_

---

---

**Ciências da Natureza**

---

---

**Ciências Humanas**

---

---

---

**Ensino Religioso**

---

---

---

**ADAPTAÇÃO CURRICULAR**

**Metas**

---

---

---

**Estratégias**

---

---

---

**Recursos Humanos**

---

---

**Recursos Pedagógicos**

---

---

---

**AVALIAÇÃO**

---

---

Leopoldina, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura da equipe responsável: